

Multimodalidade no Twitter: uma análise dos recursos (tecno)linguageiros na construção de tuítes

Multimodality in Twitter: an analysis of (techno)language resources in the construction of tweets

Ana Carolina Ferreira de Oliveira SANTOS (UFPE)
carolina.oliveirasantos@ufpe.br

Suzana Leite CORTEZ (UFPE)
suzana.cortez@ufpe.br

Recebido em: 31 de ago. de 2022.
Aceito em: 06 de nov. de 2022.

SANTOS, Ana Carolina Ferreira de Oliveira; CORTEZ, Suzana Leite. Multimodalidade no Twitter: uma análise dos recursos (tecno)linguageiros na construção de tuítes. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 12, n. 3, e2553, p. 287-309, set.-dez./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-32553.

Resumo: As ferramentas tecnológicas cada vez se fazem mais presentes em nossas práticas comunicativas e possibilitam que diariamente diversos textos sejam produzidos no ambiente digital, a partir dos muitos recursos (tecno)linguageiros disponibilizados na *web*. Diante disso, este trabalho objetiva investigar a multimodalidade manifestada no *Twitter*, com vistas à construção de sentidos do texto. Assim, na metodologia proposta, realizamos uma análise qualitativa de sete tuítes, considerando os recursos (tecno)linguageiros e o modo como estes contribuem para a construção de sentidos do texto. Este trabalho fundamenta-se em pressupostos da Linguística textual de base sociocognitivo-discursiva, reconhecendo o caráter constitutivamente multimodal dos textos (CAVALCANTE *et al.*, 2019). Além disso, dialogamos com Paveau (2021), para quem o tuíte é um texto nativo digital, que emerge e se desenvolve na internet. Assim, observamos que, mesmo com a utilização de diferentes recursos (tecno)linguageiros, tais como *emojis*, *emoticons*, *hashtags* e hiperlinks, traços da textualidade off-line se conservam no texto nativo digital, e que, na relação entre homem e máquina, os usuários

permanecem como sujeitos estrategistas, que operam escolhas. Por fim, concluímos que a multimodalidade em tuítes se manifesta de maneira diversificada, através dos diversos recursos (tecno)languageiros que colaboram de diferentes formas na construção de sentidos.

Palavras-chave: Multimodalidade. *Twitter*. Textos nativos digitais.

Abstract: Technological tools are increasingly present in our communicative practices and they enable various texts to be produced daily in the digital environment, from the many (techno)language resources available on the web. In face of that, this work aims to investigate the multimodality manifested on Twitter, analysing the construction of meaning of the text. Thus, in the methodology proposed, we perform a qualitative analysis of seven tweets, considering the (techno)language resources and how they contribute to the construction of meaning of the text. This article is based on assumptions of Textual linguistics of sociocognitive-discursive basis, recognizing the constitutively multimodal character of the texts (CAVALCANTE *et al.*, 2019). In addition, we dialogue with Paveau (2021), understanding the tweet as a digital native text, which is born and developed on the internet. Thus, we observed that traces of the offline textuality are preserved in the digital native text, even with the use of different (techno)language resources, such as emojis, emoticons, hashtags and hyperlinks. We also noticed that users remain as strategic subjects, who operate choices in the relationship between man and machine. Finally, we conclude that multimodality in tweets manifests itself in a diversified way, through the various (techno)language resources that collaborate in different ways in the construction of meaning.

Keywords: Multimodality. *Twitter*. Digital native texts.

Introdução

As tecnologias digitais estão cada vez mais presentes em nossas práticas comunicativas, intensificando a produção de diversos textos no ambiente digital. Uma vez postados em qualquer plataforma digital (de jornais e revistas, redes sociais e sites em geral), os textos podem circular amplamente em redes sociais, como, por exemplo, no *Twitter*. Essa rede social permite que seus usuários publiquem tuítes (*tweets*), isto é, textos com até 280 caracteres constituídos pela articulação de elementos verbais e não verbais.

Como produções nativas digitais (PAVEAU, 2021), esses textos são construídos e concebidos on-line, sendo elaborados a partir de diferentes recursos languageiros (semioses) e técnicos (máquina) que a *web* disponibiliza. Concordamos com Duarte e Muniz-Lima (2021), que, analisando a proposta de M.-A. Paveau, propõem uma terminologia mais adequada ao quadro teórico da Linguística textual, entendendo que as produções nativas digitais constituem, na verdade, *textos nativos digitais*. Os autores defendem ainda que as produções não verbais também devem ser consideradas no escopo do tecnodiscurso, uma posição que vai ao encontro do aporte multimodal assumido neste trabalho. Assim,

a multiplicidade de recursos *(tecno)linguageiros*, conforme compreende Paveau (2021), forma um *compósito* que ao nosso ver pode ser associado à manifestação da multimodalidade, conceito que põe em cena o entrosamento entre semioses de natureza variada, tais como imagens, palavras, fontes, cores, sons, espaçamentos, ângulos, disposições, etc. (DIONISIO, 2014).

Diante disso, destacamos a importância que as pesquisas no campo da Linguística textual têm atribuído à multimodalidade, questionando a primazia anteriormente concedida à linguagem verbal e lançando um olhar mais abrangente que integra diferentes semioses envolvidas no processo de construção de sentidos (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010; CUSTÓDIO FILHO, 2011; ELIAS, 2016; CUSTÓDIO FILHO; HISSA, 2018; CAVALCANTE *et al.*, 2019). Tendo essas considerações em vista, este trabalho fundamenta-se na Linguística Textual (LT) de base sociocognitivo-discursiva e tem como objetivo investigar a multimodalidade manifestada no *Twitter*.

Para tanto, analisamos sete tuítes identificando os recursos *(tecno)linguageiros* e o modo como eles contribuem para a construção de sentidos do texto. Os tuítes analisados são apresentados por meio de capturas de tela feitas com o auxílio de um dispositivo *smartphone* e a obtenção do *corpus* da pesquisa foi feita no período entre novembro de 2021 e abril de 2022 com o auxílio da caixa de busca do *Twitter*. Essa ferramenta permite localizar recursos como símbolos, *emojis*, *emoticons*, caracteres especiais, elementos tipográficos etc. Por meio desta estratégia de busca, selecionamos os tuítes a fim de explorar não só os aspectos fixos e regulares da plataforma que compõem o tuíte (data, hora, rótulo de origem, foto de perfil, nome de usuário etc.), mas também os diversos recursos (imagens, *gifs*, *emojis*, *emoticons*, links etc.) utilizados de forma dinâmica e autoral pelos usuários para compor o tuíte. Além disso, os tuítes foram extraídos de contas de interesse público (perfis verificados) e de contas que não possuem um selo de verificação.

Para apresentar a pesquisa realizada¹, este artigo estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, discutiremos os pressupostos que fundamentam esta pesquisa, relacionando noções no campo da Linguística textual — texto enquanto evento (MARCUSCHI, 2008;

¹ Este trabalho apresenta dados da monografia de conclusão do curso Letras – Bacharelado, da Universidade Federal de Pernambuco, de autoria de Santos (2022) e orientado pela Profa. Dra. Suzana Leite Cortez.

CAVALCANTE *et al.*, 2019) e multimodalidade (DIONISIO, 2007; 2014) — à Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021). Na continuidade, analisamos os tuítes selecionados, focalizando a multimodalidade através dos recursos (tecno)linguageiros que se apresentam nesses textos nativos digitais.

Linguística textual e multimodalidade

Partindo da definição de texto proposta por Beaugrande (1997, p. 10), que o entende como “um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”², tratamos o texto não como uma simples sequência de frases ou palavras, mas como um sistema de conexão entre elementos variados: participantes, contextos, palavras, ações, entre outros (MARCUSCHI, 2008). O texto, dessa maneira, é entendido enquanto processo, uma espécie de acontecimento, não um produto acabado.

Também devemos notar que esse evento não acontece de forma isolada, como se fosse um artefato autônomo, pois, conforme Cavalcante (2012), o sentido de um texto se dá a partir da interação entre locutor, co(n)texto e interlocutor. Trata-se, portanto, de um evento interativo, realizado enquanto uma atividade que não é de caráter unilateral, mas ocorre em parceria, na qualidade de uma coprodução em que locutor e interlocutor estão em constante diálogo construindo sentidos.

Por isso, quando tratamos o texto como um evento interativo, também reconhecemos os sujeitos ali situados como agentes sociais, ou seja, seres atuantes e participativos, que articulam diferentes estratégias sociocognitivas ao ler ou produzir um texto. No dizer de Koch e Elias (2006), isso significa que os sujeitos devem adotar uma postura “responsiva ativa” e participar do evento textual de modo que interajam com o que está sendo proposto, seja concordando, discordando, propondo reformulações, complementando, etc.

Com base nisso, podemos observar, como afirma Elias (2016), que a materialidade linguística representa somente uma parte do texto, aquela que é expressa de maneira visível e por isso logo é notada, mas é necessário atentar para os fenômenos implícitos que ali estão presentes. Assim, o texto é uma “entidade multifacetada”, como já assinalava Koch (2004), que relaciona não apenas conhecimentos da

² Embora não haja tradução da obra, essa afirmação assim traduzida é amplamente compartilhada, sendo, portanto, desnecessário indicá-la como “tradução nossa”.

língua, mas também “das coisas do mundo e de como funcionam; dos sujeitos, suas intenções e da sociedade em que vivem; dos modelos mentais resultantes de experiências, vivências e práticas interacionais” (ELIAS, 2016, p. 191-192).

Para que o estatuto do texto alcançasse a percepção de que é preciso ir além da materialidade linguística (cotexto), um longo percurso teórico foi traçado. Importa considerar, entretanto, que isso não implica desprezar os elementos presentes na superfície textual. A ideia é compreender que o cotexto representa um importante ponto de partida, contudo sozinho não é suficiente para a coerência textual, pois os diversos elementos cotextuais, que podem ser de caráter verbal ou não verbal, trabalham de forma integrada para a construção de sentidos. É necessário, portanto, como postulam Cavalcante e Custódio Filho (2010), considerar as diferentes semioses, o que nos leva a tratar a multimodalidade.

Para entender a multimodalidade, é preciso reconhecer que, ao falar ou produzir um texto, “usamos, no mínimo, dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações, etc.” (DIONISIO, 2007, p. 178). Por isso, nas diferentes situações comunicativas das quais participamos, estamos sempre lidando com esse fenômeno, que é constitutivo, segundo Dionisio (2007), de todo e qualquer texto.

Portanto, a multimodalidade, como se sabe, abarca as diferentes semioses materializadas através de linhas, tipos de grafia, efeitos visuais, som, música, cores, tamanho dos elementos, ângulos, entre outros, que indicam diferentes “linguagens” ou “modos de representação”, segundo Dionisio (2007), que se combinam para criar sentidos em nossas produções textuais. A multimodalidade é definida justamente por essa combinação dos diversos modos através dos recursos semióticos interligados entre si (DIONISIO, 2014).

No entanto, devemos reconhecer que essa não é uma novidade de nossos tempos, como se a multimodalidade fosse uma criação ou um traço exclusivo da contemporaneidade. A novidade está no fato de que, apesar de a LT ser uma área constituída por cerca de 60 anos de estudos, a preocupação com o caráter multimodal das práticas discursivas é algo relativamente recente. No campo da LT, conforme pontuam Custódio Filho e Hissa (2018), para quem

a atitude frente à grande “popularidade” da multimodalidade como fenômeno pesquisável [...] deveria ser menos de deslumbramento (“como isso tudo é novidade!”) e mais de estranhamento (“por que só agora isso começou a ser estudado?”). (CUSTÓDIO FILHO; HISSA, 2018, p. 188).

A posição atual, de acordo com Custódio Filho e Hissa (2018), considera que o privilégio anteriormente concedido ao aparato verbal trouxe limitações para uma investigação mais ampla, voltada para uma investigação mais abrangente da produção de sentidos. Recentemente, entretanto, essas limitações começaram a ser enfrentadas e a multimodalidade vem assumindo um crescente papel nas pesquisas em LT. Por isso, conforme assinalam Cavalcante *et al.* (2019), os estudos atuais têm reconhecido que faz parte do caráter do texto comportar a multimodalidade, tomando-o como um evento dinâmico e interativo, que é socioculturalmente situado e sempre apresenta uma configuração multissemiótica.

Assim, além de reconhecer o caráter multimodal inerente às práticas textuais, situamos a multimodalidade, neste trabalho, como afirmam Elias e Silva (2018), no âmbito de uma cultura digital, em que tudo, inclusive a interação, acontece de maneira mais recorrente e abundante. A todo o tempo, as ferramentas tecnológicas se atualizam e, cada vez mais, é comum vivenciarmos a integração entre linguagens e tecnologias digitais. É, pois, nesse sentido que é desenvolvida a subseção a seguir, considerando o espaço digital e as particularidades dos tuítes, os textos selecionados para a análise deste estudo.

Um diálogo com a Análise do Discurso Digital

Ao observar a presença cada vez mais acentuada das tecnologias digitais em nossas práticas comunicativas, Paveau (2021) indica certo atraso das Ciências da Linguagem no que diz respeito aos universos digitais e suas produções textuais/discursivas nativas. Muitos dos trabalhos produzidos na área evidenciam a dificuldade existente: a de não isolar a materialidade linguística, ou seja, de não extraí-la do ambiente tecnológico informático em que foi produzida, mas a de assumir o desafio de integrá-la à sua dimensão técnica.

É nessa direção que a autora estabelece as bases do que chama de Análise do Discurso Digital (doravante ADD), cujo objetivo é descrever e analisar de que modo funcionam as práticas languageiras nativas da internet, considerando igualmente, nas análises realizadas, a matéria

tecnológica e a matéria linguageira. Paveau (2021) apresenta, então, o discurso nativo digital, também chamado de *tecnodiscurso*, definindo-o como o conjunto das produções verbais que são elaboradas on-line, a partir das diversas ferramentas, plataformas e espaços de escrita que a internet possibilita. Dessa forma, contemplam-se os textos nativos digitais, como mencionamos anteriormente. Quanto a isto, não podemos deixar de assinalar, em consonância com Cavalcante, Brito e Oliveira (2021), que Paveau faz parte de uma filiação teórica distinta da LT e não se ocupa necessariamente do texto e de seus parâmetros textualizadores enquanto unidade de análise; suas discussões voltam-se mais especificamente para o discurso. Em razão disso, reafirmamos, conforme Duarte e Muniz-Lima (2021, p. 54), os quais consideram que “os discursos nativos digitais a que a autora se refere são, na realidade, textos nativos digitais.”

Em comparação aos textos pré-digitais, Paveau (2021) afirma que algumas características inéditas configuram as produções diretamente on-line, que apresentam o linguageiro e o tecnológico em sua estrutura (*composição*); podem ser deslinearizadas por meio de links hipertextuais (*deslinearização*); são ampliáveis, por exemplo, através de comentários e respostas (*ampliação*); inscrevem-se numa rede de relações entre os próprios textos, os aparelhos e os internautas (*relacionalidade*); são rastreáveis por meio de ferramentas de busca (*investigabilidade*) e manifestam um caráter imprevisível, podendo sofrer alterações repentinas no conteúdo, na forma e na circulação (*imprevisibilidade*).

Essas propriedades apresentadas por Paveau (2021) identificam a configuração das diferentes produções nativas digitais e, segundo defende a autora, devem ser contempladas nas pesquisas a respeito do espaço digital. Para o propósito deste trabalho, é essencial reconhecê-las para considerar os elementos linguageiros na dimensão técnica em que se inscrevem, tendo em vista que iremos analisar a multimodalidade no âmbito de um texto nativo digital, o tuíte.

O tuíte

O tuíte é um texto de até 280 caracteres publicado na rede social *Twitter* como uma resposta à pergunta “O que está acontecendo?”. É definido por Paveau (2021) nos termos de um enunciado plurissemiótico complexo, que é produzido nativamente on-line e é de natureza

contextual. Esta rede foi criada em 2006, no contexto da *web 2.0* (a *web* social ou participativa), que, conforme a autora explica, surge no início dos anos 2000 para conectar as pessoas, desenvolvendo as redes sociais e o compartilhamento multimidiático.

Nesse momento, os tuítes eram restritos a 140 caracteres, um limite relacionado à proposta inicial da rede: veicular mensagens no formato de Serviço de Mensagens Curtas (SMS). Com o tempo, entre as diversas mudanças da plataforma, temos a ampliação — a partir de 2017 — para o limite de caracteres que conhecemos hoje, assim como o surgimento de funções e recursos diversos. Desse modo, para tuitar, os usuários utilizam recursos e ferramentas variadas, tais como *gifs*³, links, *emojis*, *emoticons*⁴, *hashtags*, imagens, áudios, vídeos, a opção de curtir, compartilhar, etc.

Descrevendo as principais formas tecnodiscursivas da rede, Paveau (2021) também destaca: i) o retuíte, que permite reproduzir a publicação de outro usuário, podendo acrescentar um comentário pessoal ou não; ii) a resposta ao tuíte, que é materializada por um fio que conecta verticalmente o tuíte às respostas, com o usuário sendo capaz de estabelecer certas restrições sobre quem poderá responder à sua publicação e iii) a *thread*, uma sequência de tuítes mobilizada para conteúdos mais longos e encadeada a partir do ícone +, que nos leva à ferramenta “adicionar outro *tweet*” ao mesmo fio que materializa o recurso de resposta.

À vista disso, entendemos o tuíte como um texto constituído por uma mescla de elementos languageiros e tecnodiscursivos. Por isso, distinguimos os traços tecnolinguageiros, que se desenvolvem com o surgimento da *web 2.0*, característica das produções realizadas diretamente on-line, dos recursos que são apenas languageiros, isto é, aqueles que já eram utilizados mesmo antes do on-line e do texto nativo digital, sendo produzidos a partir de uma tecnologia diferente da *web 2.0*. Assim, nem todo recurso languageiro (existente já no off-line) é tecnolinguageiro (essencialmente on-line).

Considerando isso, contemplamos recursos (tecno) languageiros, o que implica considerar tanto ferramentas pré-digitais, tais como negrito, itálico, aumento ou diminuição da fonte, quanto

³ É um formato de imagem que permite a reprodução de imagens animadas, compactando várias cenas e exibindo os seus movimentos sem áudio.

⁴ Enquanto os *emoticons* são representações gráficas feitas com os caracteres que temos à disposição no teclado (como indicar um sorriso através de :) ou =D), os *emojis* são representações feitas através de imagens desenhadas.

formas tecnolinguageiras, tais como *hashtags*, hiperlinks, a opção de curtir, retuitar, etc. Identificamos, desse modo, produções que são elaboradas a partir dos múltiplos recursos semióticos (linguagem) e técnicos (máquina) que a *web* disponibiliza.

Sintetizando os pressupostos teóricos deste trabalho, consideramos o tuíte como um texto nativo digital, configurado nas características delineadas acima, ao tomar por base uma visão sociocognitivo-discursiva do texto e reconhecer a multimodalidade como um fenômeno inerente a todo e qualquer texto. É com base nesses fundamentos que buscamos abordar a multimodalidade no *Twitter*, analisando os recursos languageiros e técnicos presentes na construção dos textos produzidos nessa rede digital.

Análise dos tuítes

Para a análise da multimodalidade em tuítes consideramos: i) o que chamamos de *recursos tecnolinguageiros fixos à composição do tuíte* e ii) diferentes funções e arranjos textuais na mobilização de recursos (tecno)languageiros, dentre os quais identificamos: recursos clicáveis, *emojis* e *emoticons*, recursos tipográficos diversos, e a imbricação de recursos languageiros e o uso do que chamamos de *recursos gráficos de destaque não disponibilizados pelo Twitter*.

Recursos tecnolinguageiros fixos à composição do tuíte

Os tuítes, em sua própria estrutura, apresentam alguns elementos tecnolinguageiros fixos. São elementos que não dependem da seleção do usuário para que estejam presentes no texto publicado, pois são predefinidos pela plataforma do *Twitter*.

O nome de usuário, o nome de exibição, o selo das contas verificadas, o rótulo de origem, a data, a hora, as informações de engajamento, a imagem de perfil e os elementos clicáveis que nos permitem enviar uma resposta, retuitar, curtir e compartilhar são alguns exemplos. Todos esses elementos tecnolinguageiros fixos à estrutura do tuíte não estão (dis)postos de forma aleatória, pois desempenham funções importantes, colaborando para a construção de sentidos do texto que será tuitado. Contextualizam, por exemplo, quando o texto foi publicado (qual a data e a hora?), como foi publicado (a partir de qual sistema ou dispositivo? Se *Android* ou *Iphone*, por exemplo), quem o publicou (foi um perfil verificado? Qual era o identificador do usuário?

Qual o nome exibido? Qual era a imagem de perfil?) e ainda de que modo foi recebido pela comunidade? (quantos retuítes, quantas curtidas e quantas respostas recebeu?).

Recursos clicáveis

Para além das ferramentas predefinidas, ao produzir um tuíte, os usuários podem recorrer a diferentes recursos, que combinam, interligados entre si, os variados modos de representação para gerar sentidos no texto construído (DIONISIO, 2014). Tendo isso em vista, podemos analisar os recursos (tecno)linguageiros que são adicionados ao tuíte e assumem diferentes funções e arranjos textuais, como é o caso dos elementos clicáveis. Esses recursos, articulados às formas languageiras, formam um compósito que, conforme explica Paveau (2021), permitem realizar diversas operações (curtir, comentar, salvar, retuitar, realizar buscas, etc.), ao clicar nos segmentos disponíveis na *web*. A fim de abordar esse ponto, começemos analisando a Figura 1, que apresenta um tuíte de um portal de notícias, o qual mobiliza diferentes recursos clicáveis.

Figura 1 – Tuíte publicado pela conta @g1



Fonte: <https://twitter.com/g1/status/1458955201004638209>. Acesso em: 21 mar. 2022.

Para apresentar a notícia, o perfil @g1 adiciona ao tuíte uma foto e alguns aspectos deslinearizantes, a saber, um link hipertextual e algumas *hashtags*. O link é introduzido pelo enunciado “veja o vídeo”, além da marcação padrão em azul, como assinala Paveau (2021), e direciona o leitor ao site do portal, a uma página em que se pode ler a matéria completa e assistir ao vídeo que é mencionado no tuíte. As *hashtags*, por sua vez, são palavras-chave relacionadas ao que é descrito no texto, a #ajuda do cachorro durante a #limpeza (também marcados pela cor azul). Elas também se relacionam ao próprio portal de notícias, pois, ao clicar em #g1, o leitor é direcionado a uma página com outros tuítes que apresentam a mesma tecnopalavra (#g1), podendo acessar outras notícias divulgadas pelo perfil @g1.

Além disso, a foto selecionada para compor o texto tanto nos permite visualizar o que é descrito no tuíte, já que mostra o cachorro segurando um balde enquanto um homem segura outros utensílios de limpeza, como antecipa uma parte daquilo que poderá ser visto no vídeo mencionado, incentivando o usuário a clicar no link e assistir à cena completa. Construído dessa forma, com o verbal aliado a outros elementos, principalmente à imagem e ao link hipertextual, o tuíte busca direcionar o leitor ao site do G1, fazendo com que ele assista ao vídeo e interaja com outros conteúdos do portal.

É por isso que, ao introduzir o link, o tuíte propõe um convite não para que o usuário leia a matéria completa, mas para que assista ao vídeo (“veja o vídeo”). Essa é uma escolha estratégica, pois, ao utilizar o termo “vídeo” no lugar de “matéria”, a atenção se volta aos modos ou às semioses sonoros/as e imagéticos/as que podem despertar maior interesse e curiosidade no leitor e fazer com que ele acesse o site, seguindo o comando dado pelo tuíte: “veja o vídeo”. Sem o link, não seria possível seguir esse comando ou fazer isso de forma tão prática, já que o usuário precisaria sair do *Twitter*, pesquisar pelo site do portal e encontrar a notícia. Por outro lado, sem a imagem selecionada (ou com uma imagem que não fosse adequada à parte escrita do texto), não teríamos um elemento que permitisse visualizar o que é descrito verbalmente no tuíte e antecipar uma parte da cena que poderá ser vista no vídeo divulgado pelo site.

Emojis e emoticons

Além dos recursos clicáveis, também podemos observar a presença dos *emojis* na produção dos tuítes. Os *emojis* são representações criadas na década de 90 como desenhos que podiam ser utilizados em trocas de mensagens de texto, popularizando-se mundialmente a partir de 2011 e 2013, quando foram introduzidos em aparelhos com o sistema IOS e Android, respectivamente (POMPEU; SATO, 2018). Hoje, já aperfeiçoados e sofisticados ao digital on-line, os *emojis* caracterizam usos diversos.

Um *emoji* bastante utilizado é aquele que mostra um aperto de mãos, uma imagem geralmente associada a um cumprimento ou a um possível acordo. Baseando-se nisso, o *emoji* do “aperto de mãos” costuma ser usado para expressar a relação entre duas partes, a fim de mostrar que há um ponto comum entre elas. Podemos ver isso na Figura 2, que mostra esse *emoji* posicionado entre dois trechos para relacionar o usuário a um hábito que ele possui: usar o *Twitter* como se estivesse diante de um jornal, buscando se atualizar das notícias.

298

Figura 2 – Tuíte publicado pelo usuário J. F.



Fonte: <https://twitter.com/JackFromArea51/status/1444208390176190465>. Acesso em: 22 mar. 2022.

Com base neste tuíte, podemos dizer que o *emoji* assume uma função conectiva, pois é o recurso que une esses trechos e contribui para a produção de um texto coerente, sem partes desconectadas entre si. Também é possível que esse *emoji*, com a mesma função conectiva, seja utilizado para relacionar situações que contrastam em algum nível. Na Figura 3, o aperto de mãos conecta a vontade de ler à preguiça de colocar esse interesse em prática, mostrando que, embora aparentemente contrárias, essas situações podem acontecer simultaneamente. Assim,

colabora para o desenvolvimento dessa ideia a disposição de cada elemento adicionado ao tuíte: o *emoji* colocado entre os dois trechos e estes dispostos exatamente da mesma maneira, apenas trocando “vontade” por “preguiça”.

Figura 3 – Tuíte publicado pelo usuário T. G.

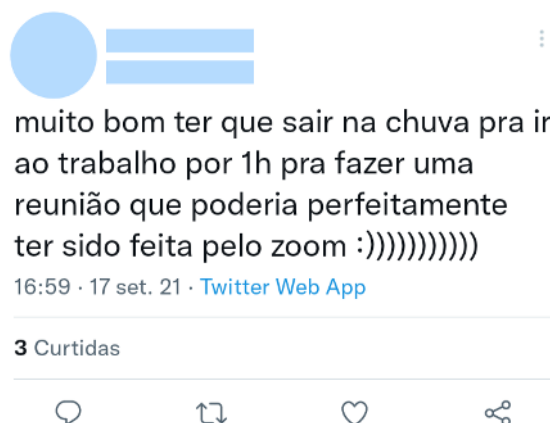


Fonte: <https://twitter.com/tozierxgirl/status/1357417934654701570>. Acesso em: 22 mar. 2022.

Desse modo, os *emojis* são utilizados de diferentes maneiras, podendo desempenhar uma função conectiva e marcar tanto relações de associação por adição (Figura 2) como relações de contraste por oposição (Figura 3). Esses são apenas alguns casos, pois, tal como discute Ranieri (2021), os *emojis* possuem uma organização gramatical e podem absorver diferentes funções linguísticas, apresentando função sintática, discursiva, pragmática e, com destaque na discussão proposta pela autora, função de marcadores discursivos. Sendo assim, os *emojis* constituem um recurso importante na produção de tuítes.

Outro recurso a ser destacado é o uso de *emoticons*, representações que surgem na década de 80 a partir da junção de sinais de pontuação. Posteriormente, com o advento de recursos tecnológicos, essas figuras passam por mudanças e são convertidas em imagens cada vez mais elaboradas, especialmente no que diz respeito às expressões e cores utilizadas nos desenhos (COSTA; CARNEIRO, 2019). Assim, na contemporaneidade, circulam na *web* tanto os *emojis*, discutidos anteriormente, como os *emoticons*, elementos formados a partir dos caracteres que estão à disposição nos teclados, como é o caso de recursos tipográficos, números e caracteres especiais. Na Figura 4, é possível observar esse aspecto:

Figura 4 – Tuíte publicado pelo usuário L.



Fonte: <https://twitter.com/lucasology/status/1438955782612164610>. Acesso em: 23 mar. 2022.

Nesse texto, observamos que o usuário demonstra ironicamente o seu descontentamento pela situação que é descrita. Mesmo afirmando que não havia necessidade de se dirigir ao local de trabalho e participar de uma reunião que poderia ter acontecido no formato virtual, especialmente no contexto de um dia chuvoso, o usuário classifica o ocorrido como “muito bom” e conclui o texto utilizando o *emoticon* de um rosto sorrindo.

Essa representação se constitui a partir de dois elementos tipográficos: o sinal de dois-pontos, que representa os olhos, e o de parênteses, que se repete de maneira enfática e representa um grande sorriso. Percebemos, a partir desse arranjo, o sentido irônico do texto, para o qual trabalham juntos tanto os elementos verbais como o *emoticon* sorridente colocado no final, que indica justamente o contrário do que se quer dar a entender de fato, tendo em vista que se opõe à frustração sugerida pelo que é descrito. Assim, percebemos que esse elemento, bem como os demais *emoticons* que são possíveis, caracteriza um aspecto notável que deve ser considerado no modo como se organiza o texto para construir sentidos.

A imbricação de recursos linguageiros e o uso de recursos gráficos de destaque não disponibilizados pelo Twitter

Além dessas formas (tecno)linguageiras, representadas aqui pelos recursos clicáveis, *emojis* e *emoticons*, também é importante abordar a imbricação de recursos linguageiros na produção de tuítes. Nesse caso, recursos de ordem tipográfica associados a recursos de

ordem visual (*emojis*, símbolos, fotos, etc.), bem como a outros aspectos importantes (disposição, fonte, espaçamento, etc.), trabalham juntos para compor o retrato visual de diferentes estruturas, como pode ser observado na Figura 5:

Figura 5 – Tuíte publicado pelo usuário O.



Fonte: <https://twitter.com/onequim/status/1452659575979712517>. Acesso em: 29 mar. 2022.

Nesse exemplo, o tuíte é feito de modo a representar a estrutura de um aplicativo reprodutor de música, utilizando os seguintes elementos tipográficos: (1) meio-traço, para separar o nome da música (“cansado”) do nome da banda (“Projeto Sola”); (2) duas barras verticais, para indicar o elemento que permite pausar; (3) uma linha formada por travessões, para exibir a parte da música que ainda não foi tocada e (4) dois-pontos, para separar os minutos e os segundos do tempo da música.

Há também alguns caracteres especiais⁵, identificados, com exceção do último, como símbolos geométricos. São estes: (1) triângulos brancos à direita e à esquerda, para indicar a opção de voltar ou adiantar; (2) uma seta de círculo aberto no sentido anti-horário, para marcar a função de voltar alguns segundos; (3) setas em direções opostas, para indicar a opção de repetir as músicas; (4) um círculo preto, para marcar a posição exata em que se encontra a reprodução da música e (5) uma linha formada por traços mais densos e escuros, para indicar o que já foi tocado.

⁵ Para acessá-los, pode-se recorrer aos sites e aplicativos da *Web* ou ao *Unicode*, utilizando os atalhos do teclado.

Juntos, todos esses recursos (elementos tipográficos e símbolos geométricos) cooperam para que se tenha o retrato visual de um reprodutor de música, mobilizado em conjunto com o diálogo que o antecede: uma conversa curta, marcada por meios-traços, em que uma pessoa responde positivamente ao ser perguntada se está bem. É somente após este enunciado verbal que o tuíte apresenta a estrutura do aplicativo reprodutor de música, a fim de mostrar o que essa pessoa — que respondeu positivamente à pergunta — está escutando: uma música de caráter mais emotivo e reflexivo, que fala sobre uma situação melancólica, um momento em que se está abatido.

Desse modo, o tuíte estabelece um contraste entre a resposta que foi dada e a música que está sendo “reproduzida”, sugerindo que, apesar de a pessoa ter afirmado que estava bem, a música em questão revela justamente o oposto. Assim, todos os aspectos que compõem o texto são organizados com o intuito de explorar a ideia de que o ouvinte se identifica em algum ponto com o que está sendo retratado na música.

Já na Figura 6, a seguir, pode-se observar que, embora o *Twitter* não ofereça a opção de inserir notas de rodapé em seus textos, é possível, com o auxílio de alguns elementos, encontrar formas de utilizar essa ferramenta, tomando por base a maneira como ocorre em produções pré-digitais a fim de rearranjá-la para a construção de um texto nativo digital. Assim, no tuíte a seguir (Figura 6), o usuário expressa a necessidade de acrescentar notas de rodapé à plataforma e mostra como isso iria funcionar, colocando entre aspas o exemplo de um texto que poderia ser publicado e logo abaixo as notas que o acompanhariam.

Figura 6 – Tuíte publicado pelo usuário L. C.



Fonte: <https://twitter.com/leroycaio/status/1448755105478725639>. Acesso em: 1 abr. 2022.

Tal como ocorre nas notas de rodapé de outros textos, o tuíte recorre à numeração por meio de algarismos arábicos, que são situados à direita e sobrepostos a uma determinada palavra. Há também uma linha formada por um conjunto de traços inferiores, que separa o trecho entre aspas das notas posicionadas na parte inferior do tuíte. Estas, por sua vez, são apresentadas em uma fonte com tamanho reduzido, de modo semelhante ao que os padrões de normatização costumam recomendar. Constrói-se, dessa maneira, um tuíte com notas de rodapé.

Vale destacar que o recurso pelo qual se reduz o tamanho das letras não é incorporado ao *Twitter*, ou seja, não se encontra essa opção disponível nesta rede. A plataforma digital do *Twitter* apenas suporta esse recurso, mas parte do usuário a iniciativa de encontrar meios externos para utilizá-lo, assumindo a postura “responsiva ativa” apontada por Koch e Elias (2006) ao produzir o efeito em outro site e só depois copiar e colar esse recurso no tuíte. Pensando nisso, outro ponto a ser abordado é como os usuários destacam certas partes dos textos tuitados, muitas vezes mobilizando recursos externos, isto é, aqueles que são permitidos, mas não são disponibilizados pelo próprio *Twitter*. Um exemplo pode ser visto a seguir, na Figura 7, que mostra a opção de destacar os elementos em itálico:

Figura 7 – Tuíte publicado pela conta @rafaelcapanema⁶



Fonte: <https://twitter.com/rafaelcapanema/status/1481296240931479561>. Acesso em: 2 abr. 2022.

Nesse tuíte, observamos um recurso externo, que é produzido em outro site e só depois copiado e colado no tuíte, atuando em conjunto com os *emojis* e as fotos exibidas. Esses recursos são utilizados pelo usuário para contar sobre uma experiência que teve ao escolher um tipo diferente de hospedagem, que consiste em passar a noite na casa de um morador local e receber uma refeição diária, geralmente o café da manhã.

Sabendo disso, devemos reparar que, embora um dos possíveis usos do itálico seja marcar todas as palavras estrangeiras em um dado texto, no tuíte da Figura 7, o autor não realça o nome referente ao tipo de hospedagem (*bed and breakfast*), que é escrito em inglês, somente as palavras escritas em italiano. Seu objetivo, portanto, é usar o itálico

⁶ Como se trata de uma conta de interesse público (perfil verificado), não foi necessário ocultar o perfil do usuário como fizemos nas demais figuras.

para destacar os elementos que o fizeram criar altas expectativas: o café da manhã (*colazione*) e o que faria parte do seu cardápio (*pane*, *prosciutto* e *formaggio*). O usuário, então, passa a esperar ansiosamente, como mostra o *emoji* que remete à sensação de dar água na boca e indica um forte desejo por algo.

No exemplo apresentado, ao ouvir as palavras em italiano, a pessoa parece imaginar algo bem diferente para o café da manhã, provavelmente esperando conhecer pratos novos, diferenciados e preparos típicos da Itália, como sugere o *emoji* que mostra a mão com as pontas dos dedos juntas, um gesto comumente associado à cultura italiana, que é utilizado como uma forma de apreciar antecipadamente o que seria experimentado na manhã seguinte. No entanto, em oposição a toda espera gerada, as fotos mostram que o usuário encontra um cardápio conhecido, um café da manhã que é bastante comum no próprio Brasil.

O itálico, desse modo, destaca os elementos que criaram toda essa expectativa, assim como os *emojis*, intensificados pela repetição, sinalizam a espera ansiosa do usuário; especialmente aquele relacionado à sensação de dar água na boca, pois é através desse *emoji* que entendemos o que o usuário quer dizer ao afirmar “eu fiquei *assim*”. As imagens, por outro lado, mostram a quebra dessa expectativa, pois é por meio delas que entendemos ao que o autor do tuíte se refere quando diz que o café da manhã “era *isso*”, demonstrando a sua frustração.

Sendo assim, verificamos que o itálico, bem como outros recursos externos que são possíveis (uso de negrito, caixa alta, fontes alternativas etc.), possibilita que os elementos dos tuítes sejam destacados de um modo ou de outro, conforme a intencionalidade do locutor. Contribuem, portanto, na maneira como o usuário organiza o seu texto, configurando arranjos textuais diferentes para construir sentidos.

Considerações finais

Neste trabalho, objetivamos analisar o fenômeno da multimodalidade no *Twitter*, considerando os recursos (tecno)linguageiros que são utilizados na produção dos tuítes e de que modo colaboram para a construção de sentidos. Ao longo da análise, observamos que, além dos recursos tecnolinguageiros fixos à estrutura do tuíte, os usuários selecionam diversos recursos (tecno)linguageiros, que

combinam, interligados entre si, os variados “modos de representação” (DIONISIO, 2014) para gerar sentidos no tuíte produzido. Com isso, vimos que é possível utilizar links, *hashtags*, *emojis*, *emoticons*, elementos tipográficos, elementos externos etc.

Em especial, analisando a imbricação de traços languageiros na produção de tuítes, refletimos que, apesar de ser uma rede social criada no contexto da *web 2.0*, ainda encontramos no *Twitter* recursos que são apenas de ordem languageira, isto é, que são anteriores à *web 2.0*, isto é, ao texto on-line ou nativo digital. Com base na análise empreendida, podemos concluir que essas formas languageiras, características do texto off-line (pré-digital), convivem com as formas tecnolanguageiras, de maneira que não se observa uma mudança abrupta, em que tudo seria tecnolanguageiro, sendo abandonados os recursos languageiros (a exemplo do recurso tipográfico). Há, na verdade, traços do off-line que se conservam no texto nativo digital, sendo ressignificados e rearranjados para a construção de sentidos nos tuítes. Essa constatação caminha em direção semelhante ao que concluem Pinto, Cortez e Farias (2021, p. 420), ao analisarem o gênero apresentação de trabalho em evento científico:

Ao utilizar-se do *Twitter* como plataforma para realização de um evento científico, os escritores, por um lado, mantêm as características prototípicas do gênero apresentação de trabalho [...]; por outro, mobilizam as possibilidades tecnodiscursivas do *Twitter*.

Dessa forma, as autoras traçam um contínuo de possibilidades de exploração das potencialidades tecnodiscursivas do ambiente digital, o qual demonstra que estas apresentações acadêmicas tanto podem manter características mais próximas do off-line quanto inovar ao explorar as afordâncias da plataforma *Twitter*.

No entanto, em se tratando dos tuítes aqui analisados, percebemos que os usuários utilizam tanto recursos tecnolanguageiros disponibilizados na própria rede como recursos languageiros externos, isto é, aqueles que não são próprios do *Twitter*, mas apenas suportados pela plataforma, podendo ser inseridos nesta rede. Assim, o uso de recursos externos à plataforma parece ser uma espécie de “inovação” nos textos digitais aqui analisados, pois revelam a postura “responsiva ativa”, segundo afirmam Koch e Elias (2006), que o usuário adota ao compor o tuíte, pois parte dele a iniciativa de produzir o recurso em outro site/programa e só depois copiar e colar no tuíte. Como vimos,

isso ocorre quando se utilizam fontes diferentes, redução do tamanho da fonte, negrito e itálico. Por isso, como os tuítes são produzidos tanto a partir de ferramentas internas como externas à plataforma, conforme é permitido ou suportado pela rede, é preciso ponderar na análise da multimodalidade para que não se corra o risco de atrelá-la unicamente aos recursos tecnolinguageiros do *Twitter* ou que nasçam com as inovações da *web 2.0*.

Refletimos, por fim, sobre a influência da cultura digital em nossa forma de produzir texto, que cada vez mais integra linguagens e tecnologias digitais, trazendo à tona a relação entre homem e máquina. Diante dessa questão, podemos compreender, a partir dos textos trabalhados, que o *Twitter*, de fato, tem suas restrições específicas, a exemplo do limite de 280 caracteres. No entanto, não podemos considerar que os recursos disponibilizados pela plataforma desta rede sejam os únicos determinantes do arranjo textual que compõe os tuítes, pois nossa análise pode mostrar as estratégias mobilizadas pelos usuários, indicando que eles têm possibilidades de escolhas, inclusive a de selecionar recursos externos ao *Twitter* e utilizar traços linguageiros característicos do off-line. Os usuários, portanto, permanecem como sujeitos estrategistas, que operam escolhas, conforme Cavalcante (2019), pois os recursos do off-line continuam presentes nos textos aqui analisados, contribuindo para o seu arranjo multimodal e autoral na produção de tuítes.

Com isso, findamos a discussão proposta, reconhecendo que a multimodalidade no *Twitter* se manifesta de maneira diversificada, tanto pelos recursos (tecno)linguageiros encontrados como pelas diferentes formas a partir das quais esses elementos podem ser (re)arranjados para a produção de sentidos. Reforçamos, portanto, a importância de se reconhecer o tuíte como um texto nativo digital, que se funda e se desenvolve nesta rede social on-line, sendo formado por matéria tecnológica e linguageira, com traços do off-line sendo conservados.

Referências

BEAUGRANDE, R. de. **New Foundations for a Science of Text and discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society**. Norwood: Ablex, 1997.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M. Por uma análise argumentativa na Linguística Textual. In: VITALE, M. A.; PIRIS, E. L.; CARRIZO, A. E.; AZEVEDO, I. C. M. (org.).

Estudios sobre discurso y argumentación. Coimbra: Grácio Editor, 2019. p. 319-338.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, Piauí, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CUSTÓDIO FILHO, V.; CORTEZ, S. L.; PINTO, R. B. W. S.; PINHEIRO, C. L. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; OLIVEIRA, R. L. A relevância do texto e da interação no contexto digital. **Calidoscópio**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 333-344, set./nov. 2021.

COSTA, A. V. F.; CARNEIRO, I. A. Emoticons e letramento visual: pedagogia da imagem. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 67-79, jan./abr. 2019.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CUSTÓDIO FILHO, V.; HISSA, D. L. A. Os limites do (conceito de) texto: destaque para o não verbal. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, v. 8, n. 16, p. 182-197, jul./dez. 2018.

DIONISIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: DIONISIO, A. P.; MARCUSCHI, L. A. (org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 177-196.

DIONISIO, A. P. Multimodalidade, convenções visuais e leitura. In: DIONISIO, A. P. (org.). **Multimodalidades e leituras**: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais. Recife: Pipa Comunicação, 2014. p. 41-69.

DUARTE, A. L. M.; MUNIZ-LIMA, I. Análise do Discurso Digital: questões teóricas e práticas. In: PAIVA, F. J. O.; SILVA, E. D. (org.). **Estudos da linguagem**: interfaces na linguística, semiótica e literatura em perspectiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

ELIAS, V. M. Estudos do texto, multimodalidade e argumentação: perspectivas. **ReVEL**, ed. esp., v. 14, n. 12, p. 191-206, 2016.

ELIAS, V. M.; SILVA, S. L. Multimodalidade na escrita de artigos científicos: aspectos teórico-analíticos e contribuições para o ensino. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 111-125, jan./abr. 2018.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PAVEAU, M. A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PINTO, R.; CORTEZ, S. L.; FARIAS, J. M. S. de. O gênero apresentação de trabalho em eventos científicos do offline ao digital: que implicações textuais-discursivas possíveis? **Calidoscópio**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 409-421, set./nov. 2021.

POMPEU, B. P.; SATO, S. K. Emojis na publicidade e seus significados para marcas e consumidores: tipologias e questionamentos. **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 15-26, jul./dez. 2018.

RANIERI, T. L. S. Os emojis como marcadores discursivos em conversas no WhatsApp. **Hipertextus Revista Digital**, Recife, v. 23, n. 1, p. 120-137, jul. 2021.

SANTOS, A. C. O. **Multimodalidade no Twitter**: uma análise dos recursos (tecno) linguageiros presentes na construção de tuítes. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.